

Recebimento: 02/09/2020

Aceite: 16/10/2020

TURISMO, PATRIMÔNIO E SAÚDE: UMA ANÁLISE DA RE-EXISTÊNCIA DA TERRITORIALIDADE DO CARIMBÓ BELENENSE NA “QUARENTENA” AMAZÔNICA

TOURISM, HERITAGE AND HEALTH: AN ANALYSIS OF THE RE-EXISTENCE OF CARIMBÓ BELENENSE'S TERRITORIALITY IN THE AMAZON “QUARANTINE”

Maria Augusta Costa Freitas Canal¹

Victor Barbosa Campos²

Milene de Cássia Santos de Castro³

Resumo

O presente trabalho busca analisar as implicações e tensões gerais, vinculadas pela quarentena pandêmica de Covid-19 na Amazônia brasileira, à territorialidade do carimbó enquanto atratividade turística no urbano belenense. Os procedimentos à análise envolveram levantamento bibliográfico e documental, monitoramento de dados secundários em redes virtuais institucionais e de grupos de carimbó, trabalho de campo com roteiro de observação dirigida, e entrevista semiestruturada realizada com integrantes de grupos de carimbó. Os resultados demonstram que as restrições aos espaços turísticos e a “quarentena” de baixo impacto, em termos de isolamento social em Belém, implicam em constrangimentos aos mediadores da territorialidade do carimbó, deixando evidente a fragilização do atrativo turístico e da persistência do patrimônio imaterial nessa cidade mantidos pelo fazer e re-existência dos grupos.

Palavras-chave: Turismo. Territorialidade. Carimbó. Covid-19.

Abstract

The present work seeks to analyze the implications and general tensions linked by the Covid-19 pandemic quarantine in the Brazilian Amazon to the territoriality of the Carimbó as a tourist attraction in urban Belenense. The procedures for the analysis involved bibliographic and documentary surveys, monitoring of secondary data in virtual institutional networks and carimbó groups, fieldwork with a guided observation script and the semi-structured interview conducted with

¹ Doutora em Geografia (UNESP). Professora Adjunta II da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Turismo, Belém - PA, Brasil. E-mail: augustageotur@gmail.com

² Bacharel em Turismo (UFPA). Pesquisadora colaboradora no Grupo de Pesquisa Laboratório de Dinâmicas Urbanas e Questões Pertinentes ao Turismo na Amazônia. E-mail: vbcampos97@gmail.com

³ Mestra em Turismo e Desenvolvimento (UFPR). Pesquisadora colaboradora no Grupo de Pesquisa Laboratório de Dinâmicas Urbanas e Questões Pertinentes ao Turismo na Amazônia. E-mail: castro.milene2010@gmail.com

members of carimbó groups. The results demonstrate that the restrictions to tourist spaces and the low impact “quarantine” in terms of social isolation in Belém imply constraints to the mediators of the territoriality of the carimbó, making evident the fragility of the tourist attraction and the persistence of the intangible heritage in the city maintained by do and re-existence of groups.

Keywords: Tourism. Territoriality. Carimbó. Covid-19.

Introdução

Conforme Guattari (1992) e Deleuze e Guattari (1997), a dimensão temporal reproduz a extensão de universos corpóreos e incorporais instanciados e/ou desterritorializados em territorialidades existenciais, constituídas na-pela incorporação de processos, fluxos e choques em que são instituídas em *devenir*. De acordo com Raffestin (1984, 1993, 2009), pode-se inferir que a territorialidade humana se configura nas relações sócio espaciais que mobilizam no cotidiano de sujeitos viventes códigos e linguagens como energia, informação e trabalho à comunicação de um sentido, uma imagem e um poder enunciado e enunciador de um projeto territorial, cujo sentido existencial delimita e controla o mundo material e imaterial. Dessa forma, a territorialidade do carimbó incorpora processos, fluxos e choques num *devenir* de re-existência e permanência, mobilizados no cotidiano paraense desde o enraizamento da escravidão negra no Pará, passando pelo delineamento como expressão cultural paraense; pela proibição, invisibilização e criminalização (COSTA, 2010), pela configuração como atrativo turístico e o registro de Patrimônio Imaterial Brasileiro (BRASIL, 2014).

A territorialidade do carimbó se configura a partir da comunicação de um sentido e imagem, que se expressa pela criação cultural como gênero musical e dança, com especificidade sonora do tambor curimbó e movimentos corporais de pares (homem-mulher) circulares e em roda¹ e se enuncia enquanto projeto territorial por códigos e linguagens, por relações sociais de grupos não hegemônicos e excluídos, como negros, caboclos e mestiços² cuja intencionalidade no mundo re-existencializa a persistência do fazer o carimbó pelo urbano e turismo paraenses. No urbano da cidade de Belém do Pará, essa territorialidade se enuncia marcadamente no fazer dos grupos de carimbó que se caracterizam por: grupos de “pau e corda” mais tradicional e grupos “parafolclórico” mais moderno. O fazer carimbó desses grupos no urbano belenense, tem relação estratégica de sobrevivência na articulação de apresentações³ como atratividade em complexos, marcos e pontos, sendo essa estratégia a maneira pela qual a territorialidade do carimbó mobiliza processos, fluxos e choques, que mantêm o carimbó no cotidiano intraurbano de Belém.

Nessa direção, o fazer carimbó na capital paraense, apresenta-se como demonstrativo da relação entre patrimonialização e atratividade turística na Amazônia Brasileira, como produção de um espaço turístico reticular de mera localização e distribuição de fixos e fluxos (demanda e oferta). Contudo, como se inferiu de Espeso-Molinero (2019), o espaço turístico deve ser entendido pela inversão dessa lógica de apropriação de elementos culturais, e categorizado ao entendimento daquilo que compõe a *construção social* da imagem turística multifacetada, e não em estereótipos do *patrimônio imaterial* dispostos nas programações turísticas de destinos e, de tal forma, aprofundando as relações da memória do grupo que instância os elementos desse patrimônio, no vivido de um dado destino turístico. Ou seja, como infere-se de Delgado (2012), a relação da cultura com a diversificação dos destinos e produtos turísticos, bem como, na busca pela qualidade, diferencial e experimentação com *o outro*, deve considerar o atrativo cultural pelos diferenciais de vivências e experiências que tensionam continuidades e descontinuidades culturais derivadas pelo encontro turístico.

Como demonstram Soares e Vieira (2019), a produção de bens público cultura é importante para a relação entre o local e o global, como um projeto de conexão da historicidade e raízes do destino turístico com a internacionalização da imagem e articulação com outras redes de equipamentos culturais mundiais. A relevância dessa discussão emerge com veemência no contexto atual de segurança sanitária, provocada pela pandemia da doença COVID-19⁴ cuja profilaxia imediata incorreu no imobilismo sócio espacial dos fluxos humanos, o que engendrou quarentenas e *lockdown* de cidades inteiras, especialmente, metrópoles e megalópoles (FIOCRUZ, 2020). Em termos globais à atividade turística, organizações, especialistas e painéis de monitoramento indicam

que há redução em torno de 70% das demandas para 2020, com alguma distinção para países europeus como Itália e Portugal (RICHEDE, 2020).

Os obstáculos e embargos à atividade turística, incorrem desde recuos significativos das demandas de viagens de jovens e estudantes, que atingem fortemente empresas de transportes, seguros e acomodações, até problemas de países com fronteiras fechadas, ausência de emissão de vistos, até mesmo via operadoras, e de dificuldades para aquisição e uso de Equipamentos de Proteção Individual pelas empresas de deslocamento. Na cidade de Belém, que se configura como metrópole amazônica com aproximadamente 1,48 milhões de habitantes (BRASIL, 2014), núcleo receptor e distribuidor turístico (PARÁ, 2011) e núcleo urbano centralizador de eleições e classificações de patrimonialização com baixo impacto nas aspirações e soluções de seus cidadãos (CASTRO, TAVARES, 2016), a quarentena visando o isolamento social, começou ainda no mês de março (SESPA, 2020). Destarte, objetiva-se nesse trabalho, analisar as implicações e tensões vinculadas pela quarentena pandêmica de Covid-19 na Amazônia brasileira, à territorialidade do carimbó enquanto atratividade turística no urbano belenense.

As análises aqui apresentadas compõem parte dos resultados de três anos de projetos de pesquisa, desenvolvidos institucionalmente em universidade federal e têm a metodologia centralizada nas abordagens da pesquisa qualitativa (MINAYO, 2002) abarcando levantamento bibliográfico, documental, de dados secundários em sites e redes sociais de grupos de carimbó, monitoramento da COVID-19 em sites governamentais e trabalho de campo. O levantamento de dados foi realizado em duas etapas: 1^a) realização de trabalhos de campo entre agosto de 2018 e julho de 2019, vinculados à constituição dos grupos de carimbó setorializados a partir do centro histórico-patrimonial de Belém, onde estão alocados seus principais complexos turísticos em: área mais central e área não central; 2^a) Monitoramento de dados da COVID-19 entre abril e junho de 2020 dos sites e plataformas do Ministério da Saúde; das Secretarias do Estado do Pará e do Município de Belém, e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), bem como, acessos semanais aos sites e redes sociais dos grupos de carimbó, da amostra e contatos virtuais com alguns integrantes destes.

O trabalho de campo desenvolveu-se com sete, dentre os vinte e oito grupos que apresentam o Carimbó identificados em Belém, assim, realizou-se observação dirigida em espaços e momentos do fazer dos grupos de Carimbó, a partir de instrumento de roteiro descritivo e de notas de campo, considerando os elementos da produção das estruturas territoriais e sua representação de Raffestin (2009) levando em consideração a descrição dos mediadores territoriais materiais e imateriais, diretamente ligados à enunciação dos sentidos da territorialidade a partir do seguinte modelo: [A (L-M-P)] ---R---[S (Sn/So)] (as intenções desejadas (P) do ser político, o ator social (A) em efetiva relação (R) como o ambiente geral (S) - natural (Sn) e (So) social). Realizou-se também entrevistas com roteiro aberto e semiestruturado (MINAYO, 2002) cuja amostragem deu-se aleatoriamente entre os integrantes de 4 (quatro) grupos da área central e 3 (três) da área não central, totalizando 22 (vinte e duas) entrevistas). A sistematização com análise de dados norteou-se pelos pressupostos de Gomes (1994) de categorização demonstrativa através de quadros organizados em conteúdos análogos.

Pertinência da territorialidade do Carimbó pelo urbano turístico

Para Gastal (2013) a percepção da imagem turística é construída pelo urbano, segundo Fortuna (2007) a existência da imagem da cidade se faz pelos sons cotidianos de seus modos de vida. Conforme o autor, isso implica no dimensionamento daquilo que vem sendo pensado, refletido e teorizado sobre a “imagem da cidade” o que pode ser pensado como sons da mesma, com os quais cotidianamente se sobrepõe tradição e modernidade em “sons de transição”, que se conformam como uma “espécie de reserva patrimonial” (FORTUNA, 2007, p. 42) em que persistências e permanências sonoras reproduzem aspectos transversais de tempo no urbano que formatam a cidade. No que tange à inventividade cultural⁵ do carimbó a relação entre som, cidade e imagem turística como atrativo é inerentemente produto e produtor no urbano caracterizado em: disputas de ritmos entre “carimbó de verdade” designado de “pau e corda” (tradicional do interior do estado) e “parafolclórico” dos grupos de danças e apresentações (moderno da capital) que reflete a persistência pelo direito à cidade do fazer o carimbó.

Essa transversalidade sonora que formata a cidade de Belém, remete aos conflitos sobre os quais a expressão cultural do carimbó se engendrou, já que sua enunciação e delimitação enquanto territorialidade, comunica as relações de poder de grupos não hegemônicos: negros, caboclos e mestiços no Pará, que articularam desde o século XIX mediadores territoriais com códigos e

linguagens idiossincráticas dos tambores de curimbó, feitos com troncos de árvores amazônicas, movimentos corpóreos circulares e vestimenta emblemática por saias rodadas e longas, calças $\frac{3}{4}$ e blusas com babados, aspectos que convergiam ao cotidiano da área de expansão do urbano de Belém daquele século. As características dessa inventividade cultural ser articulada por grupos não hegemônicos, se reforçam pelos aspectos constitutivos da linguística da palavra carimbó de origem tupi *curi* (madeira, pau oco) e *m' bó* (furado, escavado) que remete ao tambor *curimbó* cuja posição em apresentações (SALLES, SALLES, 1969) perdura até hoje, qual seja: tocado deitado no chão com o batedor sentado em cima e usando as mãos como se fossem baquetas. As tensões entre o carimbó de “pau e corda” e “parafolclórico” como pertinência cultural paraense de grupos sociais não hegemônicos, refletem as adversidades com as quais esse fazer se configurou como prática restrita do mundo rural, com sua proibição e criminalização no urbano belenense em 1880, que o delimitou às áreas não centrais dessa cidade e ao interior do estado, delineando diferenciais a esse fazer nas diversas áreas paraenses (COSTA, 2010).

Segundo Huertas (2014), a permissibilidade e popularização do carimbó na cidade de Belém, só ocorrera na década de 1970, a partir das estratégias de grupos de carimbó, fato que proporcionou a intensificação da divulgação dessa expressão cultural, tornando-a uma das mais conhecidas no Pará, aspectos da dimensão atual desses grupos em Belém podem ser observados no quadro 1. Este quadro expõe dados da amostra dos sete grupos analisados, os quatro da área mais próxima dos Complexos Turísticos de Belém: Os Baioaras, Frutos do Pará, Sabor Marajoara e Sancari, e os três da área mais afastada: Flor da Amazônia, Charme Caboclo e Trilhas da Amazônia. Ressalta-se a similitude entre esses grupos em relação a vivências e experiências no interior dos bairros, a difusão, permanência e persistência do fazer carimbó na cidade, fazendo circular e integrar ações em escolas, ruas, igrejas e clubes, também, a autossustentação via promoções e eventos em geral, e apresentações em espaços turísticos, assim como, entre os grupos da capital paraense e os grupos do interior do estado, fazendo interagir energia, informação e trabalho de mediadores da territorialidade do Carimbó.

Quadro 1: A Constituição dos Grupos que apresentam o Carimbó em Belém-PA

GRUPOS	SEDE/LOCAIS	PRODUÇÃO	LOCAIS	O FAZER	IMPLICAÇÕES
ÁREA MAIS CENTRAL					
Os Baioaras	Casa do organizador e ensaios em rua no Bairro de Canudos	Principais: Presidentes, Coordenador Musical e de Ensaio, Costureira, Dançarinos e Músicos. Captação de recursos para manutenção de materiais e elaboração dos trajes e coreografias: através de projetos em editais, cachês e rodas de carimbó.	Exibições em Belém: Complexos Turísticos – Ver-o-Peso, Estação das Docas e Feliz Lusitânia. Casas de Shows – Apoena e Coisas de Negro Centros de Eventos - HANGAR e CENTUR, em Praças, Igrejas, Escolas, Hotéis e Aeroporto.	Exposição performática dança e música. Anualmente em Feiras e Festivais Estaduais, Nacionais e Internacionais (PA, SP, PR e Portugal). E no estado ao longo do ano em eventos públicos e privados (especial em datas festivas - destaque Quadra Junina e Círio).	Articulação de moradores e grupos entre bairros de Belém e dos interiores. Deslocamento de integrantes de vários bairros nos dois 1º grupos. Projeto Pau & Corda - aproximar a comunidade da Pedreira. Financiamento principal via apresentações em espaços turísticos. Viabilização de equipamentos, vestuários, som e deslocamento às apresentações.
Frutos do Pará	Casa da fundadora e ensaio em barracão no mesmo local no Bairro do Telégrafo				
Sabor Marajoara	Casa do fundador e ensaios em clube no Bairro do Marco				
Sancari	Passagem Álvaro Adolfo e ensaios não informado no Bairro da Pedreira				
ÁREA NÃO CENTRAL					
Flor da Amazônia	Casa de um integrante e ensaios em escola do Bairro da Sacramenta	Principais: Presidentes, Coordenador Musical e de Ensaio, Costureira, Dançarinos e Músicos. Captação de recursos para manutenção de materiais e elaboração dos trajes e coreografias: através de cachês, rifas e bingo e rodas de carimbó.	Exibições em Belém: Complexos Turísticos – Ver-o-Peso, Estação das Docas e Feliz Lusitânia. Casas de Shows – Apoena e Coisas de Negro Centros de Eventos - HANGAR e CENTUR, em Igrejas, Escolas, Praças, Hotéis e Aeroporto.	Exposição performática dança e música. Anualmente em Feiras e Festivais Estaduais, Nacionais e (PA, SP e MA). E no estado ao longo do ano em eventos e públicos e privados (especial em datas festivas - destaque Quadra Junina e Círio).	Articulação de moradores e grupos entre bairros de Belém e dos interiores. Deslocamento de integrantes nos 2 últimos grupos no Distrito de Icoaraci. Viabilização de equipamentos, vestuários, som e deslocamento às apresentações. Financiamento principal via apresentações em espaços turísticos. Rodas, rifas e bingos para financiar viagens.
Charme Caboclo	Casa de um integrante e ensaios no mesmo local no Bairro da Pratinha				
Trilhas da Amazônia	Casa de um integrante e ensaios em barracão de escola de Samba no Bairro do Cruzeiro				

Fonte: Elaborado a partir de informações constatadas em trabalho de campo realizado entre os meses de dezembro de 2018 e julho de 2019.

Dois aspectos distintivos indicados pelo quadro 1, se delineiam pela relação entre a importância do Distrito Administrativo de Icoaraci⁶ e a produção da corrente de “Pau e Corda”, posto que, apesar do distrito ser uma referência do carimbó em Belém, todos os grupos da área não central, se definem como “Parafolclórico” tendo a corrente “Pau e Corda” sido identificada em um único grupo da área central⁷. Esse aspecto toma sua dimensão quando se observa que a relação entre carimbó e as correntes “Parafolclórico” e de “Pau e Corda”, pauta-se no estilo do *carimbozeiro* – aquele que conduz o ritmo, o mestre regente da composição e dos músicos, sendo que a primeira aparece como moderna por introduzir instrumentos eletrônicos como guitarras, bateria e contrabaixos e a segunda como tradicional, por ter como base somente instrumentos de corda e tambores. Destarte, a mediação da territorialidade do carimbó no urbano belenense, remete às transições sonoras na cidade e ao enfrentamento entre o moderno e o tradicional, sendo que no distrito apontado como mais expressivo do fazer carimbó, todos os grupos analisados foram identificados como modernos.

A importância da sonoridade e sua transitoriedade no espaço urbano, revela-se como mediadora da territorialidade do carimbó belenense, também, pela subversão do domínio masculino entre os músicos e instrumentistas, como se identificou em grupo da área central e pode-se observar na *imagem a* da figura 01, que destaca a presença feminina entre os músicos que acompanham a percussão dos curimbós. O urbano belenense conformado pelos grupos de carimbó, a partir da década 1990 tornou-se centralidade como atratividade turística, em especial, pela relevância que Belém toma quando da indução do governo estadual à atividade turística, com ênfase na articulação entre cultura e eventos turísticos no Pará. Isso fortaleceu a conformação e integração de grupos de carimbó e entidades culturais de vários municípios, enfatizando a pertinência da manutenção do carimbó enquanto representação do “ser paraense” como indica o seguinte relato: “O carimbó ele é uma mistura né? ... tanto que metade do teu corpo é o negro que está dançando e a outra metade é o indígena ... é uma mistura que representa bem nossa identidade” (INFORMAÇÃO VERBAL)⁸.

A *imagem a* da figura 01 traz uma dimensão da territorialidade do carimbó belenense como um projeto de controle espacial delineado pela discussão dos papéis de gênero no movimento de repetição-inovação de inventividade cultural⁹, e ação política sobre as fronteiras espaciais do fazer feminino, que até então se restringia ao corpo de dançarinos. Isso modifica a estruturação tradicional do fazer carimbó também nos traços das vestimentas, posto que, mesmo mantendo o padrão das saias longas, blusas com babados e arranjo florido extravagante nos cabelos, revê a matriz florida estampada, o que foi verificado, em maior ou menor grau, em vestimentas dos sete grupos. Ainda na *imagem a* vislumbra-se ao fundo os músicos uniformizados e com chapéus de palha, mais à direita na imagem, os músicos com instrumentos de corda e o curimbó que podem ser em números variados na condução do carimbó.

Figura 1: A Sonoridade e a Transitoriedade do Carimbó no Espaço Urbano Belenense

a) Instrumentistas do Grupo Frutos do Pará em apresentação. **b)** Músicos com dois curimbós do grupo Charme Caboclo. **c)** Perspectiva de local passível de ser o centro de referência do patrimônio carimbó em Icoaraci. **d)** Área de apresentações de carimbó no complexo turístico Estação das Docas.

Fonte: **a)** Acervo do Grupo, 2018, gentilmente cedido. **b)** Extraído de <http://bit.ly/2GFQdua> acesso em 20 de abril de 2019 **c)** Freitas, 2019 **d)** Campos, 2019.

Isso fica evidente na *imagem b*, em que se visualiza músicos de um grupo de carimbó com dois curimbós exibidos em padrão rústico da madeira, esse instrumento corresponde a idiosincrasia dessa expressão cultural de corda singular no carimbó. Exposto do centro à direita na *imagem b*, o banjo singulariza a produção sonora do carimbó, pois, segundo IPHAN (2013), esse geralmente é feito artesanalmente com madeira regional, fundos de panela, disco de vinil e cordas de nylon (de pesca), o que faz com que esse instrumento dê sustentação harmônica e desempenhe função percussiva. Esses recursos são mantidos por todos os grupos de carimbó, visando a permanência mais tradicional da musicalidade dos mesmos, contudo, tanto os grupos da área central quanto os da área não central, em maior ou menor grau, incorporam a sonoridade de instrumentos eletrônicos, principalmente, caixas, guitarras e baterias.

Em termos instrumentais, todos os grupos apresentam em seu conjunto musical algum elemento diferente entre si e da configuração tradicional, à exceção do grupo localizado na Pedreira que se formata musicalmente como “mais de raiz” conforme enfatizado no seguinte relato: “É bem conhecido em Belém por apresentar um carimbó raiz, de pau e corda, ou seja, não é apresentado instrumentos eletrônicos” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁰. A introdução de instrumentos eletrônicos remete à pertinência do carimbó ao fazer cultural e festivo contemporâneo belenense, e a manutenção de elementos “mais de raiz”, indica permanência das interações com os grupos do interior do estado. As interações e tensões daí derivadas no cotidiano belenense, desdobraram-se na estruturação de projeto de maior controle territorial do fazer carimbó, que se consolidou em 2014, com a institucionalização junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) do registro do carimbó como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

A *imagem c* da figura 01 apresenta uma perspectiva do prédio da Estação Ferroviária São João de Pinheiro, na área central do Distrito de Icoaraci, que tem sido defendido pela Secretaria Estadual de Cultura (SECULT), como um local passível de ser refuncionalizado à instalação de um memorial aos Mestres de Carimbó, conforme destacou a direção da secretaria: “a nossa ideia é que lá seja um memorial dos mestres do carimbó, não o memorial do carimbó, porque evidentemente nós temos Carimbós. Então que aquele espaço territorialmente fique referenciado como um memorial destinado ao Carimbó, até porque o espaço é pequeno e não foi projetado pra isso” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹¹. A estrutura conservada do prédio da estação, verificada na *imagem c*, corresponde à intervenção derivada de acordos jurídicos de contrapartida da iniciativa privada ao governo do estado, que posteriormente repassou o prédio à SECULT.

A *imagem d* da Figura 1 traz uma perspectiva de um dos espaços turísticos referência às apresentações remuneradas: o Armazém 3 do Complexo Turístico da Estação das Docas. Esse armazém é conhecido como Boulevard das Feiras e Exposições, onde se encontram o Teatro Maria Silvia Nunes e o anfiteatro do Forte de São Pedro Nolasco. O Complexo Turístico da Estação das Docas corresponde à restauração no ano de 2000 dos armazéns portuários de Belém contínuos ao Complexo do Ver-o-Peso na orla fluvial do centro histórico da cidade, acompanhando as propostas e políticas de patrimonialização e urbanização turística da área que reuniu ainda o Complexo Feliz Lusitânia (CASTRO, TAVARES, 2016). Dessa forma, a Estação das Docas configura-se num ambiente logístico à apresentação dos grupos, tanto pela centralidade de complexos, pontos e marcos turísticos da área adjacente, quanto pela centralidade da circulação e transporte público nas vias do entorno que integra os bairros da cidade e sua região metropolitana.

A “Quarentena” e o atrativo turístico Carimbó de Belém do Pará

A importância dos complexos Estação das Docas e Ver-o-Peso à atratividade turística do carimbó, deve-se a dois aspectos intraurbanos de Belém: o primeiro, vinculado à facilidade de acesso e mobilidade tanto do turista e visitantes quanto dos integrantes dos grupos de carimbó, que em geral utilizam o transporte público para se dirigir às apresentações; o segundo, atrelado ao crescimento na cidade de 12% ao ano dos meios de alimentação entre 2008 e 2016, intensificando o segmento de gastronomia com a capital, no circuito gastronômico do Programa "Creative Cities" da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (FADESPA, 2016). Assim, se por um lado esse lócus serve à divulgação do fazer carimbó, como relata um dos entrevistados: “Geralmente quando a gente é contratado pra dançar na Estação das Docas, eu vejo como uma vitrine, não pra conseguir shows, mas pra mostrar para as pessoas que vão lá e dançam, são muito participativos” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹², por outro lado, esse lócus em sua extensão abriga bares, restaurantes, cafeterias, cervejaria etc. que agregam à gastronomia típica paraense, elementos importantes na relação entre cultural e o projeto de internacionalização da imagem de uma cidade a outras localidades (SOARES, VIEIRA, 2019).

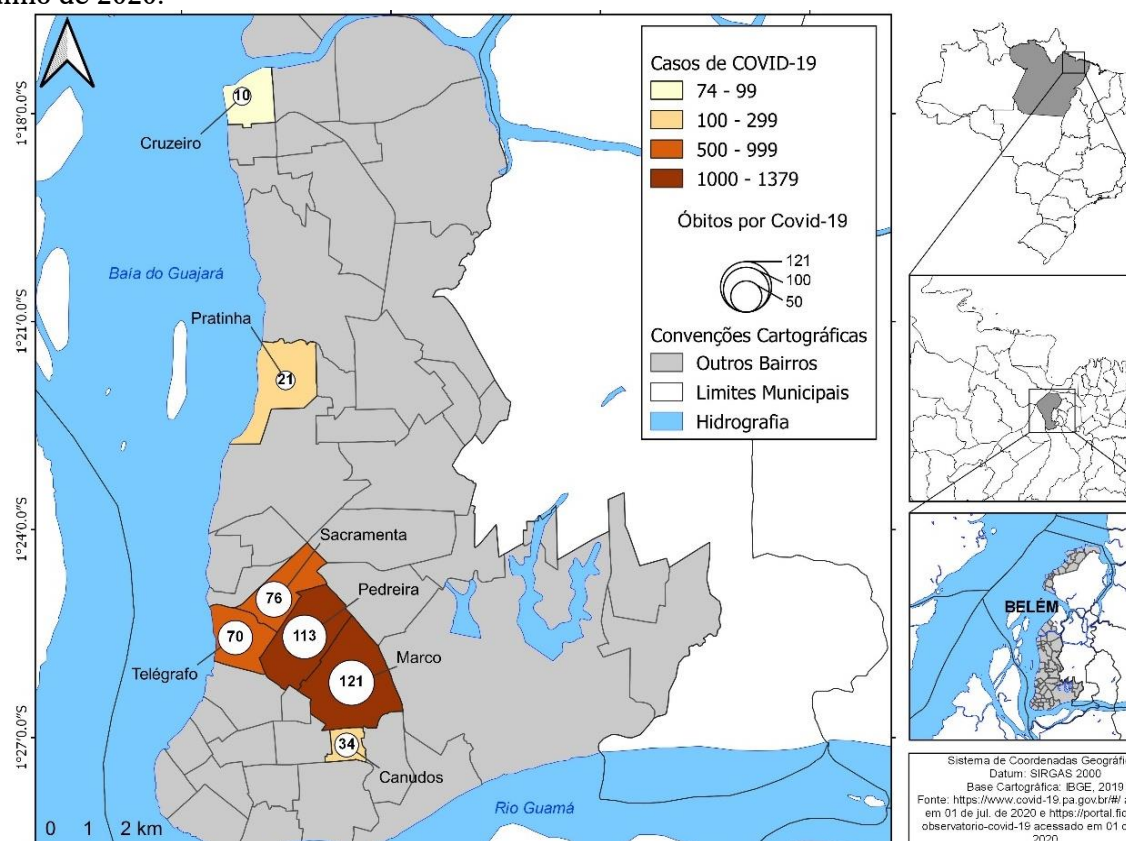
Conforme infere-se de FAPESPA (2016), Belém exerce papel predominante não só como atratividade turística, mas em todo o sistema público e privado setorial da atividade turística paraense, sendo núcleo do Polo Turístico Belém do governo estadual, com centralidade em produtos e equipamentos dessa atividade e no estímulo e geração de postos de trabalho (com projeção de 2,8 informais para cada 1 formal), principalmente, em setores de alojamento, hospitalidade, transporte e alimentação. A acuidade dessa relação da produção territorial da atividade turística paraense, que mesmo com retrações econômicas desde 2015, atingiu a cifra de R\$ 700 milhões em 2018, de acordo com DIEESE¹³ e a centralidade de Belém fica mais explícita dado o fato de que 54% da produção e do PIB dessa cidade deriva do setor de serviços. Nessa direção, os setores, equipamentos e meios vinculantes à atividade turística que mais tiveram crescimento em uma década em Belém, correspondem àqueles que, segundo Riched (2020), mais sofreram e sofrerão com a redução de 70% das demandas turísticas mundiais decorrentes da Pandemia da doença COVID-19 em 2020.

A expansão dessa pandemia à cidade de Belém tem sido delimitada a partir do dia 18 de março, quando os órgãos oficiais confirmaram o primeiro caso da doença, onze dias após o primeiro caso confirmado na cidade Parauapebas no sudeste paraense. Desde então, Belém tornou-se epicentro da doença no estado, com disseminação para o interior a partir da 14ª semana epidemiológica (NMT, 2020). Os impactos da COVID-19 em Belém e sua Região Metropolitana (RMB) incidiram em protocolos estaduais de quarentena, que começaram em 23 de março com a suspensão de atividades não essenciais e de circulação viária regulamentada pelo Dec. Nº 609 de 16 de abril. Contudo, ainda em abril, o sistema do 1º Centro Regional de Saúde (1º CRS) responsável

pela gestão da saúde pública em Belém e RMB sofreu um colapso¹⁴, obrigando ao estabelecimento do confinamento (*lockdown*) na RMB, entre 07 e 24 desse mês pelo Dec. Nº 729 de 05 de maio (FIOCRUZ, 2020, NMT, 2020). Ainda assim, o confinamento não diminuiu, nem planejou a curva da doença em Belém, ocorrendo a difusão da infecção em direção de localidades e grupos sociais mais vulneráveis, tendo no dia 22 de maio atingido no estado os números 22.697 casos e 2003 mortes (SESPA, 2020).

A vulnerabilidade socioeconômica na RMB delinea-se pelos (as): condições caóticas de transporte público coletivo; constantes problemas e restrições de equipamentos, medicamentos, leitos e pessoal técnico especializado do 1º CRS; precariedade estrutural de moradia e quantidade de pessoas por domicílio, por 1/3 da população economicamente ativa ser autônoma; e por 14,5% dessa população ter renda familiar de 1/2 salário mínimo, isso engendra uma maior complexidade no controle epidemiológico dessa doença, fundamentalmente, no que diz respeito à manutenção do isolamento social (NMT, 2020, UFPA, 2020). Isso acomete os bairros de todos os grupos de carimbó aqui analisados, com destaque àqueles da área não central. O dimensionamento espacial da epidemiologia nesses bairros pode ser observado no Mapa 01, tendo como foco maior os Bairros do Marco e da Pedreira, que foram planejados como bairros residenciais e que hoje configuram-se lócus de rede de circulação e distribuição que interligam horizontalmente todo o território de Belém e da RMB por dois grandes eixos viários: Avenida Almirante Barroso e Avenida Pedro Miranda, por onde circulam grande parte do transporte coletivo da cidade, portanto, bairros difusores de fluxos¹⁵.

Mapa 1: Impacto Epidemiológico da COVID-19 nos bairros sede dos grupos de Carimbó em Belém-PA, junho de 2020.



Fonte: Elaborado a partir de trabalhos de campo e de dados extraídos de <https://www.covid-19.pa.gov.br/#/> acesso em 01 de jul. de 2020 e <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19> acesso em 01 de jul. de 2020.

No Mapa 01, a espacialização de aspecto geoeconômico da pandemia de COVID-19 reflete dados oficiais que, segundo UFPA (2020) e NMT (2020), além dos atrasos e diferenças entre os dados divulgados pelas Secretarias Estadual e Municipal, apresentam subnotificação em até vinte vezes em relação a Belém, bem como, não leva em consideração o aumento expressivo de óbitos por doenças respiratórias na RMB. Nesse contexto, a baixa adesão ao isolamento social, mesmo com decretos, atingiu no máximo 59% na última semana de confinamento, e 49% na semana subsequente ao fim desse (NMT, 2020), índices bem abaixo do mínimo necessário à gestão da crise, o que colocou a cidade de Belém, no início de junho, em primeiro lugar entre as cidades brasileiras com maior

número de óbitos por cem mil habitantes. Em certa medida, isso evidencia a vulnerabilidade que os integrantes de grupos de carimbó deixam transparecer em algumas postagens em suas redes sociais: “considerando que muitos dos nossos mestres e mestras de carimbó têm mais de 60 anos [...] viemos através dessa nota oficial, pedir [...] que mantenham seus homens e mulheres do grupo de risco, longe das ruas e isolados dos demais membros da família” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁶.

Na transcrição de trecho do relato do grupo sediado no bairro do telégrafo, considerado um dos bairros periféricos de Belém (UFPA, 2020), dois aspectos relevantes sobre os grupos de Belém: a) a média de idade dos integrantes dos grupos acima de 60 anos, especialmente, entre os músicos, mestres e costureiras; b) a dificuldade de manter todos os integrantes dos grupos em isolamento, por isso, a ênfase em tentar manter ao menos “o grupo de risco” isolado. Até o início de junho verificou-se duas mortes entre os integrantes dos grupos de carimbó, sendo uma em cada área de estudo, conforme descrito no Quadro 1. Todos os grupos paralisaram suas atividades no dia 20 de março, sendo que dois grupos tinham apresentações na Estação das Docas agendadas naquela semana, quando por conta da pandemia o espaço suspendeu todas as atividades culturais a serem reiniciadas a partir do dia 30 de junho.

O Quadro 2 expõe na primeira linha os dados de casos e mortes por Covid-19, específicos dos bairros que sediam os sete grupos de carimbó em análise, que totalizam 4322 casos e 445 mortes em 30 de junho desse ano, quando a cidade de Belém atingia 19.621 casos, 1.907 óbitos e 10,31% de letalidade, numa curva que reflete a ascensão, os dados gerais do Pará que totalizam 108.067 casos e 5.004 óbitos (SESPA, 2020), tomando por base os dados oficiais, sem considerar os indicadores de subnotificação e outros óbitos por causas vinculantes à COVID-19, como demonstrado por NMT (2020). Por meio desse quadro é possível identificar dois impactos centrais ao fazer carimbó dos grupos em Belém, engendrado pela pandemia de COVID-19 a partir da necessidade de demarcação de proibição de aglomerações descritas nos decretos oficiais de quarentena e confinamento: a) um de ordem econômica e de autofinanciamento dos grupos e b) outro de ordem do cotidiano das experiências internas e externas dos grupos.

Nos impactos econômicos, o tensionamento da captação financeira direta e preestabelecidas dos grupos de carimbó configura-se, por um lado, pelo cancelamento de rodas de carimbó, rifas, bingos e similares que, normalmente, têm seu auge durante a quadra junina e funcionam com autofinanciamento ao deslocamento intraurbano, viagem estadual e nacional, conservação e aquisição de instrumentos e confecção de vestimentas como ressaltado nesse trecho: “por trás dos bastidores, as pessoas não sabem o que os grupos realmente passam para conseguir fazer uma apresentação... para conseguir um figurino, por exemplo, têm que fazer promoções, rifas, vender algo, juntar uma verba para poder comprar...” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁷. Por outro lado, pela suspensão das atividades culturais presenciais, em complexos turísticos e casas de shows, com destaque para o Complexo Turístico da Estação das Docas na área central e Espaço Cultural Coisas de Negro na área não central.

Quadro 2: Restrições e implicações da COVID-19 no fazer dos grupos de carimbó de Belém-PA.

CARACTERÍSTICA	ÁREA MAIS CENTRAL	ÁREA NÃO CENTRAL
BAIRROS COVID-19 (EM 30 de JUN. *)	Área urbana dos bairros: 11,56 Km ² População Total: 192,209ha CASOS: 3.509 - MORTES: 338 MORTE NOS GRUPOS: 1	Área urbana dos bairros: 6,12 Km ² População Total: 78.646ha CASOS: 813 - MORTES: 107 MORTE NOS GRUPOS: 1
APRESENTAÇÕES EM ESPAÇOS TURÍSTICOS	FECHAMENTO dos Complexos Turísticos. FECHAMENTO de Casas de Shows APOENA. RESTRIÇÕES aos Festivais Juninos e ao Círio de Nazaré.	FECHAMENTO das Casas de Shows Casa Cultural Coisas de Negro. PROIBIÇÃO de Eventos e Cerimônias Públicas e Privadas.
DAS VIVÊNCIAS NOS BAIRROS SEDE DOS GRUPOS	AUSÊNCIA de ensaios e restrições às interações locais entre grupos. SUSPENSÃO das Rodas de Carimbó dentro e fora dos bairros. RESTRIÇÕES à adesão de novos integrantes nos grupos.	AUSÊNCIA de ensaios e restrições às interações locais entre grupos. SUSPENSÃO de programações nos bairros: em festas particulares e comemorações de datas festivas. SUSPENSÃO de rifas e bingos. RESTRIÇÕES à adesão de novos integrantes nos grupos.
DAS LIVES NAS REDES SOCIAIS DOS GRUPOS (Entrevistas, debates e Apresentações)	SANCARI: Roda de Carimbó – só músicos /abril e jun. SABOR MARAJOARA: Bate papo – Cia das Artes/abril e em Projeto Nós daqui e Tu Daí /maio e Apresentação de Aniversário do Grupo /junho. FRUTOS DO PARÁ: Partic. no 1º Festival Virtual de Folclore - CIOFF Brasil /abril e Bate papo sobre Cultura com o CIOFF Brasil /maio.	NÃO IDENTIFICADO Em nenhum dos Grupos
APRES. VIRTUAIS 1 #TeAquieitaEmCasa 2 Embalandoartenarede	GRUPO SABOR MARAJOARA 1– Só músicos /abril GRUPO FRUTOS DO PARÁ 1 e 2 - Só com músicos - abril/maio	GRUPO FLOR DA AMAZÔNIA 1 - Só com músicos - abril/maio

* <https://www.covid-19.pa.gov.br/#/> acesso em 15, 26 de jun. e 01 de jul. de 2020 e <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19> acesso em 01 de jul. de 2020. Fonte: Trabalhos de Campo realizados entre 2018 e 2019. Dados virtuais das redes sociais e contatos indiretos com integrantes dos grupos carimbó mai. /jun. de 2020. SESPA (2020), UFPA (2020) e NMP (2020).

A Estação das Docas assumiu centralidade à exibição e manutenção do carimbó, mesmo com a patrimonialização desse fazer cultural, por ser o único espaço turístico, fora casas de shows, a promover apresentações de carimbó semanalmente, como relatado por um dos entrevistados: “eu vejo o registro ... não mudou muita coisa, porque governo nenhum ajuda grupo... já até tirou alguns lugares ... que tinha show de grupos. Na Orla de Icoaraci tinha apresentações, eu não lembro o dia, mas tinha apresentações... no Complexo Ver o Rio tinha às quintas” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁸. Essas apresentações aconteciam toda sexta-feira no Armazém 3, financiadas por meio do projeto cultural Pôr do Som do governo do estado, cuja programação é ofertada gratuitamente para o público, nesse sentido, entre março e junho, são 14 semanas de suspensão e restrições orçamentárias aos grupos que normalmente já trabalhavam no limite financeiro.

Se na área central a Estação das Docas é a principal referência espacial para todos os setes grupos de carimbó, na área não central o local referido corresponde ao Espaço Cultural Coisas de Negro, uma casa de shows situada no Distrito de Icoaraci que se transformou em ponto turístico ao patrimônio carimbó em Belém, conforme relatos de entrevistados como o desse trecho: “muita gente que vem em Belém de outros estados, conhecidos ...e sempre perguntam por um local onde se possa dançar carimbó. Um local que eu sei que tem carimbó, é na Estação das Docas, tem o Bar APOENA e o Coisas de Negro” (INFORMAÇÃO VERBAL)¹⁹. Essa casa de shows foi fundada na pretensão de difundir entre a juventude belenense o carimbó de raiz e sua mescla com outros ritmos musicais, em especial, o Rock²⁰ e só posteriormente o espaço passou a ser difusor do fazer carimbó e lócus de captação de recursos aos grupos via cachê por apresentações.

No quadro 2 deixa-se explícito que as atividades no espaço turístico “Coisa de Negro” foram suspensas, portanto, nos últimos três meses nenhum grupo de carimbó teve acesso à renda dos cachês gerados desse espaço. No mesmo quadro é possível verificar que apenas dois grupos da área central e um da área não central, conseguiram financiar apresentações de carimbó a partir de propostas virtuais articuladas por dois editais governamentais: Festival #TeAquietaEmCasa da Secretaria Estadual de Cultura (SECULT) e o Festival *embalandoartenarede* da Secretaria Municipal de Cultura (SMC-FUMBEL). Cada um dos três grupos de carimbó só realizou uma participação nos festivais virtuais, e apenas um grupo foi selecionado nos dois editais, para o que produziram vídeos das apresentações e os disponibilizaram nas plataformas virtuais, sendo todos realizados entre abril e maio. No mês de junho, entre a 21^a e a 27^a semanas epidemiológicas, quando deveria ocorrer o auge das apresentações de carimbó em decorrência das festas e festivais da quadra junina, a evolução da COVID-19 em Belém dobra em dados oficiais. Entre a 25^a e a 27^a semanas epidemiológicas, última quinzena da quadra junina belenense de 2020, os bairros sede dos grupos Da Área Central apresentaram 3.509 casos e 338 óbitos (variação de 628 mortes e 40 óbitos no período referenciado) e os bairros sede dos grupos Da Área Não Central apresentaram 813 casos e 107 óbitos (variação de 128 mortes e 16 óbitos no período referenciado). Destaca-se a evolução dos bairros do Marco (1.379 casos e 121 óbitos) e Pedreira (1.312 casos e 113 óbitos) por ocuparem os primeiros lugares em número de casos e óbitos em relação aos dados gerais de Belém (SESPA, 2020).

No ínterim da quadra junina belenense, apenas dois grupos realizaram apresentações virtuais, as quais não foram financiadas, sendo que na quadra junina as exibições normalmente têm mais audiência, frequência e arrecadação de recursos, conforme relatos como os seguintes: “apresentações principalmente em junho que é quando tem mais frequência, então todo o dinheiro a gente não divide, a gente lança numa conta e aí pagamos coisas que a gente precisa ... é pra custear roupas, instrumentos, viagens, etc.” (INFORMAÇÃO VERBAL)²² e “a gente se apresenta ao longo do ano, mas o auge é no período da quadra junina, a gente costuma viajar, a gente faz várias apresentações durante a semana... *param para olhar ... as pessoas ficam hipnotizadas*” (INFORMAÇÃO VERBAL)²³. Logo, as exibições virtuais, em especial aquelas dos financiamentos dos editais estatais, consistiram-se pouco representativas no contexto geral do fazer carimbó belenense e, apesar de serem compostas somente pelos músicos dos grupos, ao observá-las, o espaço caseiro dos grupos constituía-se problemático em termos de distanciamento de 1,5 a 2 metros entre os integrantes, e de uso das máscaras (ausente entre os integrantes).

Considerações finais

Os impactos e implicações da quarentena pandêmica da COVID-19 à fragilização do carimbó enquanto atratividade cultural ao espaço turístico, precisaram ser melhor observados e mais analisados, em especial, aqueles refletidos na vulnerabilidade dos grupos de carimbó e seus fazedores, ainda mais, a longo prazo. Fundamentalmente, no que concerne ao baixo ímpeto da quarentena belenense, em termos de isolamento social e flexibilização de deslocamento e abertura do setor de serviço e comércio, ainda no pico da primeira onda, na contramão das orientações da Organização Mundial de Saúde, bem como, ausência de testagem em índices adequados. A conjuntura pandêmica da COVID-19 impôs medidas de isolamento social em Belém, que incidiram de forma imediata na captação de recursos financeiros da territorialidade do carimbó, com o cancelamento de apresentações e shows em complexos e pontos no urbano turístico belenense, intensificado com o cancelamento da quadra junina, momento de maior número de apresentações desses grupos e interações com os grupos do interior do estado.

As medidas mitigadoras a esses cancelamentos foram propiciadas por dois editais governamentais destinados a produtores culturais gerais, sem qualquer ação específica ao patrimônio carimbó, ou ainda à conversação do atrativo turístico. Esse fato se torna mais emblemático por se tratar de um bem cultural, ou seja, patrimônio imaterial institucionalizado que deveria receber atenção a salvaguardar, porém, limitado à seleção em editais direcionados a produtores culturais de forma geral e com nível de produção tecnológica, e de condições sanitárias, de distanciamento e higienização, que dificultam o acesso às parcelas socioeconômicas dos grupos de carimbó de Belém, o que se demonstrou na amostragem dos sete grupos analisados, dentre os quais apenas três conseguiram uma apresentação nesses editais. Posteriormente, será preciso observar elementos substratos da subnotificação, descompasso entre os bancos de dados sobre a doença, níveis de recuperação, imunidade e sequelas dos já infectados, todos elementos de imprecisão de salubridade do ambiente turístico, necessários ao deslocamento e permanência de

fluxos, especialmente, tomando essa dimensão da pandemia em Belém e os constantes problemas e restrições de equipamentos, medicamentos, leitos e pessoal técnico especializado pela gestão da saúde pública, tudo isso corrobora a projeções que a veiculação do vírus e contágio da doença será prolongada nessa porção amazônica.

Tais fatores incidirão a longo prazo no refreamento econômico, cujo termômetro deverá ser sentido nas restrições a mais fazeres culturais, festas e festivais paraenses, como já vem ocorrendo com a Festa do Sairé (atrativo de Santarém, Município Indutor de Turismo Internacional) que ocorre anualmente em setembro e o Círio de Nazaré (maior festividade católica e centro atrativo turístico paraense) realizado anualmente em outubro, ambos momentos expressivos de construção multifacetada do patrimônio imaterial amazônico e do fazer carimbó. Destarte, as relações da territorialidade do carimbó na mediação de atrativo turístico, deixam explícitas no contexto de quarentena pandêmica a fragilidade da cultura e seus fazedores no espaço turístico e, no caso de Belém, de como os grupos de carimbó estão atrelados às parcelas informais e autônomas do estímulo e geração de postos de trabalho gerados pela atividade turística.

Referências

BRASIL. Coronavírus Brasil. Covid.saude.gov.br. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 22 maio 2020.

_____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio Cultural, 2014c. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

COSTA, T. L. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará. Art Cultura, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 61-81, 2010.

CASTRO, C. A. T.; TAVARES, G. da COSTA. Processo de turistificação do espaço do patrimônio cultural: um estudo no centro histórico de Belém-PA. Turismo: Estudos e Prática (RTEP-UERN), Natal, v. 5, n. 1 jan.-jun. 2016, p. 57-87.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELGADO, A. K. O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB). Cultura e Turismo (CULTUR), Florianópolis, UESC, a. 6, n. 4, 2012.

ESPESO-MOLINERO, P. Tendencias del turismo cultural. Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Alicante-Espanha, v.17, n. 6, 2019, p. 1101-1112.

FAPESPA - FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS DO PARÁ. Boletim de Turismo do Estado do Pará. Belém: FAPESPA-UFPA, 2016.

FORTUNA, C. Paisagens Sonoras: Sonoridades e Ambientes Sociais Urbanos In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org). Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. Interiorização do Covid-19 e as redes de atendimento em saúde. Nota Técnica, MonitoraCovid-19, Fiocruz, 04 de maio de 2020.

_____. MonitoraCovid19: casos acumulados. Atualização: 15/05/2020. Disponível em: <<https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br>>. Acesso: 15 de maio de 2020.

_____. MonitoraCovid-19. 2020. Disponível em: <<https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br>>. Acesso: 27 de maio de 2020.

_____. MonitoraCovid19: casos acumulados. Disponível em: <<https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br>>. Acesso: 15 de Junho de 2020.

_____. MonitoraCovid19: casos acumulados. Disponível em: < <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br> > Acesso: 01 de Julho de 2020.

GASTAL, S. Imagem, paisagem e turismo: a construção do olhar romântico. Pasos. Revista de Turismo e Patrimônio Cultural, Ilhas Canarias- Espanha, v.11, n.3, jul. 2013.

GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

HUERTAS, B. M. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. Revista CPC, n. 18, p. 81-105, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NMT- Núcleo de Medicina Tropical. Laboratório de Epidemiologia, Territorialidade e Sociedade. Geoepidemiologia da COVID-19 no Pará: evolução espaço-temporal da 12^a a 22^a semanas epidemiológicas. Relatório Científico. Belém-Pa: NMT-UFPA, jun, 2020.

PARÁ. GOVERNO DO ESTADO. Plano Ver o Pará: plano estratégico de turismo do estado do Pará. Belém, 2011.

RAFFESTIN, C. Territorializzazione, deterritorializzazione, riterritorializzazione e informazione. In: TURCO, A. Regione e regionalizzazione. Milano: Franco Angeli, 1984.

_____. Por uma geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

_____. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (ORG.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

RICHEDE, G. Outlook worsens and financial aid is not the only investment governments should make to help travel and tourism. WYSE COVID-19 Travel Business Impact Monitor. Disponível em: <<https://www.wysetc.org/research-and-education-hub/>> Acesso em 27 de maio de 2020.

SALLES, V. e SALLES, M. I. “Carimbó: trabalho e lazer do caboclo”. Revista Brasileira do Folclore, Rio de Janeiro, 9, set/dez. 1969.

SESPA. Secretaria de Estado de Saúde. Coronavírus no Pará. Atualização: 16 maio 2020. Disponível em: <<https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard>> . Acesso: 16 de maio 2020.

_____. Secretaria de Estado de Saúde. Coronavírus no Pará. Atualização: 30 maio 2020 Disponível em: <<https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard>> . Acesso: 30 de maio de 2020.

_____. Secretaria de Estado de Saúde. Coronavírus no Pará. Atualização: 14 junho 2020 Disponível em: <<https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard>> . Acesso: 15 de junho de 2020.

_____. Secretaria de Estado de Saúde. Coronavírus no Pará. Atualização: 21 junho 2020 Disponível em: <<https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard>> . Acesso: 22 de junho de 2020.

_____. Secretaria de Estado de Saúde. Coronavírus no Pará. Atualização: 30 junho 2020 Disponível em: <<https://www.covid-19.pa.gov.br/public/dashboard>> . Acesso: 1 de julho de 2020.

SOARES, D. de S.; VIEIRA, E. T. Conexões, Cultura e Inovações nas Cidades Criativas: diferenciais para o desenvolvimento regional. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional, [S.l.], v.

15, n. 2, mar. 2019. ISSN 1809-239X. Disponível em: <<https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4445/759>>. Acesso em: 21 ago. 2019. UFPA. Laboratório de Tecnologias Sociais. Notas Técnicas. Análise da evolução da pandemia de COVID-19 no Brasil – O Estado do Pará. BELÉM:UFPA-INPE-USP-UNIFESP, jun. de 2020.

WAGNER, R. *The Invention of Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

NOTAS

¹A esse respeito ver Salles e Salles (1969) e Gabbay (2010).

²A esse respeito ver Gabbay (2010) e Costa (2010).

³Notas de campo, trabalho de campo, jan. de 2018 a jul.2019.

⁴Doença provocada pelo *Coronavirus Disease* 2019, identificada pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. (WHO, 2020)

⁵Aqui tomando por base os pressupostos de Wagner (1981) de inventividade como característica iminente de criação cultural.

⁶Para aprofundar a questão ver Neve et al (2015).

⁷Notas de campo, trabalhos de campo realizados entre 2018 e 2019.

⁸Integrante 1 do grupo Os Baioaras, Trabalho de Campo, realizado em Canudos, mar. de 2019.

⁹Aqui levando em consideração as assertivas de Wagner (1981).

¹⁰Integrante 1 do Grupo da Pratinha, Trabalho de Campo, realizado na Pratinha, abr. de 2019.

¹¹Fala de Úrsula Vidal, Secretária de Cultura do Estado do Pará durante Escuta Setorial de Expressões Culturais e Artísticas Afrobrasileiras, Originárias, Tradicionais e Populares, Teatro Gasômetro, abr. de 2019.

¹²Integrante 2 do Grupo de Canudos, Trabalho de Campo, realizado na Pedreira, dez. de 2018.

¹³Extraído de <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/06/21/estudo-aponta-que-setor-de-turismo-injetou-r700-milhoes-na-economia-do-para.ghml>. Acesso em 10 de jun. de 2020.

¹⁴Extraído de publica.org/2020/04/colapso-da-saude-em-belem-contrasta-com-numero-oficial-de-casos. Acesso em 30 de maio de 2020.

¹⁵Notas de campo, trabalhos de campo, realizados entre 2018 e 2019.

¹⁶Extraído de <https://bitly.com/XN1rk>, acesso em 18 de junho de 2020.

¹⁷Integrante 1 do Trilhas da Amazônia, entrevista realizada em Belém, jan. de 2019.

¹⁸Integrante 2 do Trilhas da Amazônia, entrevista realizada em Belém, jan. de 2019.

¹⁹Integrante 1 do Sabor Marajoara, entrevista realizada em Belém, dez. de 2018.

²⁰Notas de campo, trabalhos de campo, realizados entre 2018 e 2019.

²¹Extraídos de dados virtuais das redes sociais e contatos indiretos com integrantes dos grupos carimbó mai. /jun. de 2020.

²²Integrante do Frutos do Pará, entrevista realizada em Belém, mar. de 2019.

²³Integrante 1 do Flor da Amazônia, entrevista realizada em Belém, abr. de 2019.

²⁴Integrantes do Os Baioaras, entrevista realizada em Belém, dez. de 2018.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.